

ARTIGOS

Kenia Silva^I

Carolina Pinho^{II}

Pedagogia Feminista Negra como confronto ao epistemicídio: novos territórios de conhecimento

Black Feminist Pedagogy as a confrontation to epistemicide: new territories of knowledge



RESUMO:


Este artigo investiga o papel da Pedagogia Feminista Negra como uma forma de confronto ao epistemicídio, explorando novos territórios de conhecimento. Através de uma análise crítica de clássicos de pensamento feminista negro e sua contribuição para a educação, examina-se como essa abordagem pedagógica desafia a marginalização e apagamento dos saberes produzidos por mulheres negras. Partindo de uma revisão bibliográfica e análise teórica, o estudo destaca a importância da Pedagogia Feminista Negra na promoção de uma educação emancipadora e humanizada, que valoriza e respeita as experiências e contribuições das mulheres negras na construção do conhecimento científico. Ao reconhecer o epistemicídio como uma forma de violência epistêmica, o artigo propõe a Pedagogia Feminista Negra como uma ferramenta para a construção de novos paradigmas educacionais, capazes de ampliar e diversificar os horizontes do conhecimento.


ABSTRACT:

This article investigates the role of black feminist pedagogy as a form of confrontation against epistemicide, exploring new territories of knowledge. Through a critical analysis, we examine how this pedagogical approach challenges the marginalization and erasure of knowledge produced by Black women. Drawing from a literature review and theoretical analysis, the study highlights the importance of black feminist pedagogy in promoting a more inclusive and humanized education that values and respects the experiences and contributions of Black women to scientific knowledge. Recognizing epistemicide as a form of epistemic violence, the article proposes black feminist pedagogy as a tool for building new educational paradigms capable of expanding and diversifying the horizons of knowledge.

Palavras-chave: Pedagogia Feminista Negra; Confronto ao epistemicídio; Emancipação do conhecimento; Teoria crítica educacional

Keywords: Black feminist pedagogy; Confrontation against epistemicide; Emancipation of knowledge; Critical educational theory

^I Doutoranda em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal. keniadrica@hotmail.com,  <https://orcid.org/0000-0001-6995-3721>

^{II} Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas; Professora, Instituto Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil. csbpinho@uefs.br,  <https://orcid.org/0000-0001-6811-183X>

INTRODUÇÃO

O debate sobre a busca por um pensamento anticolonial tem promovido o espraiamento de teorias educacionais críticas que questionam as narrativas hegemônicas e promovem uma educação que reflete as realidades e necessidades das populações negras (PINHO, 2022). Em particular, essas teorias educacionais críticas se destacam como uma poderosa forma de combater o epistemicídio, um fenômeno que nega, silencia e apaga os saberes e conhecimentos das comunidades negras, impondo uma visão de mundo eurocêntrica e hierarquizada.

Ao rejeitar as noções eurocêntricas de conhecimento e verdade, tais teorias educacionais críticas, quando aliadas ao debate sobre o combate às opressões, oferecem um espaço para a resignificação das identidades e a construção de narrativas emancipatórias. Ao desafiar a hegemonia do conhecimento colonial, elas abrem caminho para uma educação mais inclusiva, equitativa e emancipatória, que reconhece e valoriza as múltiplas formas de ser e conhecer.

Entre as teorias educacionais críticas em ascensão, destacamos aquelas que se baseiam no referencial afrocêntrico para refletir sobre o fenômeno educacional. As teorias educacionais afrocêntricas são aquelas que colocam experiências, perspectivas e culturas africanas e afrodes-

cendentes no centro do currículo e da prática educacional. Desenvolvidas como uma alternativa às abordagens eurocêntricas tradicionais, essas teorias buscam valorizar e ressaltar as contribuições das civilizações africanas, no continente africano ou em diáspora, para a história, a cultura e o conhecimento global, a partir de propostas mais ou menos estruturadas, algumas com ênfase no pensamento africano, outras ligadas ao debate da estética negra, outras à epistemologia do pensamento feminista negro. Entre elas podemos destacar: Pretagogia (Silva, 2019; Petit, 2015), Crespogogia (Santos & Sousa, 2022), Pedagogia engajada (Hooks, 1994), Pedagogia Feminista Negra (Pinho, 2022). Identificamos que as últimas são aquelas com mais elementos estruturados se pautando na ação política de mulheres negras em diáspora.

Na mesma direção, os estudos decoloniais (QUIJANO, 1992) têm desempenhado um papel fundamental na desconstrução das estruturas coloniais e na busca por formas de pensamento e práticas que desafiem as hierarquias de poder e promovem a emancipação dos povos marginalizados. Consideramos como estudos decoloniais o grupo de estudos que ascendem principalmente no final do século XX e início do século XXI na América Latina, em um contexto de crítica ao legado colonial e às estruturas de poder global, a partir de intelectuais da América Latina e continente africano. Eles/as questionam e desmantelam estruturas

de poder e conhecimento herdadas do colonialismo, desafiando narrativas eurocêntricas, valorizando as epistemologias do Sul, e promovendo a descolonização do conhecimento.

Dito isso, partindo da pergunta de investigação sobre como as interseções entre as teorias educacionais afrocêntricas e os estudos decoloniais têm impactado o enfrentamento do epistemicídio, definimos como objetivo geral deste texto a investigação das possibilidades oferecidas pela Pedagogia Feminista Negra para a promoção da justiça social e a transformação dos paradigmas educacionais, através da análise de categorias fundamentais em obras clássicas do pensamento feminista negro que forneceram subsídios para a sistematização da Pedagogia Feminista Negra.

O foco recai sobre o combate ao epistemicídio e a busca por uma educação emancipatória e humanizada. Por isso, escolhemos a Pedagogia Feminista Negra por identificar nela uma formulação teórica que integra pontos abordados em outras teorias educacionais afrocêntricas e por compreender que seu nível de formulação se propõe ao estudo sistemático dos processos educativos para além das dimensões étnico-raciais, permitindo a identificação de uma pedagogia abrangente e inclusiva.

Assim, nossos objetivos específicos delineados são: avaliar o impacto das abordagens decoloniais e da Pedagogia Feminista Negra na des-

construção do epistemicídio, destacando como essas perspectivas desafiam as narrativas hegemônicas e promovem uma educação mais inclusiva e equitativa; investigar os mecanismos de resistência e enfrentamento ao epistemicídio por meio das interseções entre os estudos decoloniais e as pedagogias negras, examinando como essas abordagens contribuem para a valorização dos saberes locais e ancestrais e a construção de uma visão educacional mais diversificada; e identificar os desafios e oportunidades associados à aplicação das interseções entre os estudos decoloniais e a Pedagogia Feminista Negra na transformação dos paradigmas educacionais, visando contribuir para uma sociedade mais justa, igualitária e libertadora.

A metodologia utilizada para elaborar este artigo baseou-se principalmente em uma revisão bibliográfica (Marconi e Lakatos, 2004) abrangente e uma análise teórica detalhada (Minayo & Deslandes, 2008) de obras clássicas do pensamento feminista negro que forneceram subsídios para a sistematização da Pedagogia Feminista Negra. Essa abordagem metodológica permitiu uma compreensão aprofundada das questões abordadas, bem como uma síntese crítica das contribuições acadêmicas existentes sobre o tema.

A análise teórica foi realizada de maneira crítica e reflexiva. Foram consideradas as perspectivas teóricas de autoras fundamentais no campo do feminismo negro, como bell hooks¹, Kimberlé

Crenshaw, Patricia Hill Collins, Lélia Gonzalez, Audre Lorde e Angela Davis. A partir dessas análises, foram desenvolvidos reflexões e *insights* para a compreensão da Pedagogia Feminista Negra e sua relevância no confronto ao epistemicídio e às estruturas de opressão.

Através de uma revisão bibliográfica e análise teórica, construímos um arcabouço conceitual que aprofunda a compreensão da Pedagogia Feminista Negra e seu potencial transformador para promover justiça social e equidade de gênero e raça. Exploramos as interseções entre os estudos decoloniais e a Pedagogia Feminista Negra, analisando como essas perspectivas combatem o epistemicídio e transformam paradigmas educacionais. Ao examinar suas bases teóricas e práticas, buscamos entender sua aplicação em diferentes contextos educacionais e seu papel na promoção de uma educação justa, igualitária e libertadora.

PERSPECTIVAS TEÓRICAS:

CONFRONTANDO A HEGEMONIA COM PERSPECTIVAS DECOLONIAIS E VOZES SUBALTERNAS

As primeiras linhas deste artigo são de reflexões sobre o ato da escrita. O que é a escrita? Quem pode escrever? Quais grupos foram legitimados aos registros históricos da escrita, em determinados tempos e espaços? Quais grupos foram, de forma intencional, impossibilitados dos

registros históricos e de escrita e tiveram seus conhecimentos negligenciados, apagados, destruídos e cooptados? Podemos pensar sobre tais questionamentos ao refletir sobre os grupos racializados pela modernidade/colonialidade², cuja escrita foi negada, como nos diz Grada Kilomba (2019, p. 41), para não “entrar em uma confrontação desconfortável com as verdades do ‘Outro’. Verdades que têm sido negadas, reprimidas e mantidas guardadas, como segredos”.

Como ressalta Carneiro (2005), essa marginalização representa uma violência intelectual que é intrínseca à lógica colonial. A superação desse cenário exige uma abordagem abrangente que vá além da mera inclusão dos estudos subalternos ou pós-coloniais, conforme argumentado por Grosfoguel (apud ROSEVISC, 2017). Em vez disso, é imperativo descolonizar o conhecimento em sua totalidade, reconhecendo e valorizando a diversidade de perspectivas e experiências que foram historicamente marginalizadas pelo projeto colonial. Essa descolonização epistêmica não é apenas uma necessidade acadêmica, mas também uma ferramenta vital para a construção de uma sociedade sem opressões.

Para aprofundar nossa análise, é imprescindível adentrar na discussão sobre a colonialidade, um conceito que lança luz sobre as estruturas de poder e dominação que permearam a modernidade. Ao retrocedermos à história da modernidade,

deparamo-nos com um cenário no qual o conhecimento científico foi construído a partir de uma perspectiva eurocêntrica, privilegiando a narrativa de emancipação e regulação da Europa Ocidental. Enquanto isso, nas regiões do Sul Global, essa mesma modernidade se manifestava por meio de processos de apropriação e violência. O cânone hegemônico da modernidade, ao se consolidar, deliberadamente, omitiu a história do colonialismo, relegando os habitantes dos territórios colonizados à condição de "não-ser" (CARNEIRO, 2005, p. 99). Essa negação sistemática de suas existências implicou na negação de seus direitos à produção de conhecimento, perpetuando, assim, o epistemicídio e mantendo as vozes subalternizadas silenciadas e marginalizadas.

Como enfaticamente colocado por Kilomba (2019), na contracapa do seu livro "Memórias de Plantação", essa história é uma "ferida que nunca foi tratada", cujas consequências persistem até os dias atuais. Mesmo após os processos de descolonização, a herança do colonialismo se mantém viva na forma da colonialidade, descrita por Mignolo (2017) como "o lado mais obscuro da modernidade". Os territórios colonizados foram profundamente transformados em níveis sociais, políticos e culturais, gerando o que se conhece como colonialidade do poder, que se manifesta nas relações econômicas e políticas; a população foi subalternizada, a partir da colonialidade do ser, que afeta as

percepções ontológicas e identitárias; tiveram seus conhecimentos apagados pela colonialidade do saber, que impõe hierarquias epistemológicas; e imposto a colonialidade de gênero, que permeia as dinâmicas de poder nas relações de gênero e patriarcais (LUGONES, 2020). Essas formas de colonialidade continuam a moldar e influenciar as estruturas sociais e mentais, perpetuando desigualdades e marginalizações em todo o mundo.

Assim, podemos questionar: pode a subalterna falar? As questões refletidas pela autora indiana Gayatri Spivak (1985, apud KILOMBA 2019) ao questionar se a subalterna pode falar, não é sobre o falar em si, também não é sobre a articulação das palavras, o que ela nos expõe é que existe uma dificuldade, intencional dentro da estrutura do colonialismo, do machismo, do racismo e do patriarcado, das mulheres subalternizadas falarem e serem ouvidas. Kilomba (2019), ao analisar o que diz Spivak (1985), enfatiza a necessidade de romper o silêncio imposto às mulheres subalternizadas, e a necessidade e importância de ecoar suas produções intelectuais, saberes e vozes.

Certamente, nesse sentido, ao abordarmos a relação entre a Pedagogia Feminista Negra e a decolonialidade, é crucial reconhecer a interseção dessas perspectivas e seus pontos de convergência na luta por uma educação inclusiva e emancipatória. A Pedagogia Feminista Negra traz à tona a importância de centralizar as experiências e saberes

das mulheres negras, destacando as especificidades de suas vivências e as múltiplas formas de opressão que enfrentam. Simultaneamente, a decolonialidade propõe a desconstrução das estruturas de poder coloniais que perpetuam a marginalização e a subalternização de diversos grupos. Ambas as abordagens questionam as narrativas hegemônicas e promovem a valorização de epistemologias alternativas que emergem das margens.

Pedagogia e Teoria Educacional Crítica

O que é Pedagogia? E o que caracteriza uma teoria educacional crítica? Segundo o Professor Saviani, a Pedagogia transcende a mera aplicação de práticas educacionais; é uma formulação filosófica que orienta e fundamenta o processo educacional, definida por ele como o "processo pelo qual o homem se torna plenamente humano" (SAVIANI, 2011, p. 66). Saviani distingue duas modalidades principais: a pedagogia geral, que abrange a formação integral do ser humano e sua cultura, e a pedagogia escolar, que se concentra no ensino sistematizado e metodológico.

Derivada da tradição crítico-dialética, a perspectiva teórica de Saviani é enraizada na compreensão de que a educação deve não apenas transmitir conhecimentos, mas também promover a transformação social e a emancipação humana. Saviani (2011) defende que a pedagogia deve ser

entendida como uma prática social que está intrinsecamente ligada às condições históricas e culturais. Ele vê a pedagogia como uma ferramenta para a formação integral do ser humano, capaz de intervir nas realidades sociais para promover a justiça e a equidade.

Para Saviani, a pedagogia geral e a pedagogia escolar são complementares. Enquanto a pedagogia geral se preocupa com a formação cultural e integral do indivíduo, a pedagogia escolar está voltada para a organização e sistematização do ensino. Ambas, no entanto, devem estar fundamentadas em uma visão crítica da sociedade, buscando não apenas a adaptação dos indivíduos ao meio, mas também a transformação desse meio para torná-lo mais justo e igualitário.

Nesse sentido, assim como Saviani, que destaca que a pedagogia é uma prática social transformadora, a Pedagogia Feminista Negra propõe uma abordagem crítica que visa a emancipação dos indivíduos através da valorização de suas identidades e experiências. Ambas as perspectivas defendem a necessidade de uma educação que não se limita à mera transmissão de conhecimentos, mas que também esteja comprometida com a transformação social e a promoção da equidade e da justiça. Neste contexto, a Pedagogia Feminista Negra se destaca por oferecer uma abordagem específica que não apenas analisa as práticas educativas vigentes, mas também propõe uma filoso-

fia e um conjunto de princípios que visam transformar as estruturas educacionais de maneira inclusiva e emancipatória (PINHO, 2022). Esta pedagogia não apenas questiona as normas dominantes, mas também propõe alternativas embasadas em uma epistemologia própria, que valoriza saberes ancestrais, as lutas por justiça social em intersecção com perspectivas de gênero, classe social e raça (PINHO, 2022).

A Pedagogia Feminista Negra surgiu como um termo sistematizado por Barbara Omolode (1993) e Annete Henry (2005) sobre a atuação das mulheres professoras através do trabalho pedagógico, articulado com as suas resistências às opressões. E é nesse sentido que a Pedagogia Feminista Negra coaduna com o próprio conceito de pedagogia, uma vez que

quando falamos de pedagogia estamos falando da teoria que explicita o processo de ensino-aprendizagem, o qual, por sua vez, se relaciona com as finalidades e concepções ligadas à educação. As pedagogias explicam como, por que e por quem a educação acontece. As pedagogias se relacionam com as categorias mais gerais que orientam a concepção e as finalidades da educação, oriundas de um determinado projeto de sociedade - ou projeto histórico - constituído que fundamenta a sua consecução (PINHO, 2022, p. 18).

É nesse quadro de formulações teóricas

que se constrói a Pedagogia Feminista Negra, na relação entre o pensamento feminista negro e o fenômeno educacional. A autora Carolina Pinho ao refletir sobre as contribuições da historiadora Claudia Pons Cardoso (2012) nos diz que o foco do pensamento feminista negro perpassa pelas questões da recuperação da história das mulheres negras, bem como a recuperação dessa história a partir da reinterpretação de uma nova estrutura teórica em oposição aos paradigmas hegemônicos, o que possibilita o resgate das contribuições das mulheres negras nas construções do conhecimento, bem como o enfrentamento às opressões racistas, sexistas e as sofridas pela classe trabalhadora.

Por isso, é importante destacar que as mulheres negras historicamente desenvolveram uma Pedagogia Feminista Negra que integra suas experiências, vivências e resistências como fundamentos para uma educação verdadeiramente inclusiva e equitativa. As feministas negras vêm criando teorias há muito tempo a partir de suas próprias lutas, porém, suas vozes têm sido suprimidas, como menciona Spivak, devido ao cânone hegemônico da branquitude acadêmica. Ou seja, “as barreiras criadas são quase intransponíveis, uma vez que os padrões de intelectualidade legitimados são eurocêntricos: isso quer dizer que foram criados e validados de forma a manter o poder hegemônico branco e europeu” (PINHO, 2022, p. 20). Nesse sentido, a Pedagogia Feminista Negra é uma ne-

cessidade para toda a humanidade, que devido a emancipação/regulação da colonial/modernidade, foram privados dos contributos das construções da população negra.

Assim, as questões centrais que caracterizam a Pedagogia Feminista Negra são: a interseccionalidade enquanto dispositivo de análise social, para pensar o ser humano (uma vez que outros aspectos de tais análises seriam simplistas, da própria lógica dualista do pensamento ocidental); o lugar de fala para reivindicar a posição e as contribuições das mulheres negras, considerando os sujeitos envolvidos no processo educativo como atores sociais e históricos; a experiência vivida como critério de cientificidade, a qual trata a história de vida como conhecimento a partir da sua historicidade; assunção explícita de um projeto político de sociedade em prol da luta antirracista, a qual rejeita a neutralidade e visa estratégias de superação das desigualdades de gênero, raça e classe engendradas pela colonialidade; encorajamento do empoderamento como ato político coletivo, tendo o sentido de articulação individual e coletiva em busca de uma sociedade sem opressões; compromisso com a justiça social, o qual compreende o poder político e a importância de auto-organização e autodefinição (PINHO, 2022).

Dentro desse contexto, a Pedagogia Feminista Negra emerge como uma vertente da educação decolonial, para além da superação de para-

digmas raciais, buscando criar espaços de aprendizagem que reconheçam e valorizem as múltiplas identidades e experiências das mulheres negras. A formulação da Pedagogia Feminista Negra é fundamental na desconstrução de narrativas opressivas que reproduzem estereótipos e preconceitos, oferecendo uma educação que promova a autoafirmação, a resistência e a emancipação dos seres humanos com base na práxis cotidiana das mulheres negras na história.

Confronto ao epistemicídio: por uma justiça social e cognitiva

A Pedagogia Feminista Negra tem suas raízes no pensamento feminista negro, corrente teórica e prática que nasce da práxis social das condições de vida das mulheres negras, a partir da criação de alternativas de humanidade diante do enfrentamento das opressões interseccionais de gênero, raça e classe. Este pensamento, moldado pelas lutas diárias e experiências vividas por mulheres negras, oferece uma perspectiva crítica e emancipatória que desafia as estruturas de poder estabelecidas.

O pensamento feminista negro vem sendo instrumento essencial para mulheres negras combaterem o epistemicídio histórico (COLLINS, 2019) — a sistemática destruição e marginalização dos saberes e conhecimentos produzidos por grupos

historicamente oprimidos. A importância da Pedagogia Feminista Negra se torna ainda mais evidente ao compreendermos a gravidade do epistemicídio, uma das formas mais perversas e duradouras de manutenção da dominação étnica e racial (CARNEIRO, 2005). O epistemicídio manifesta-se em todas as tentativas de subjugar, marginalizar ou suprimir práticas culturais e grupos sociais que representavam uma ameaça à expansão capitalista. Frantz Fanon, em sua obra seminal "Os Condenados da Terra" (1968), destacou que a colonização não se limitava à exploração econômica, mas também implicava na destruição sistemática das identidades culturais, línguas e modos de vida dos povos dominados.

O termo "epistemicídio", que tomamos a partir de Sueli Carneiro (2005), refere-se à aniquilação sistemática dos saberes e conhecimentos produzidos por grupos historicamente marginalizados. Esse conceito evidencia a violência intrínseca à imposição de uma única epistemologia como universal e legítima, silenciando vozes dissidentes e perpetuando hierarquias de poder baseadas na colonialidade do saber.

Sueli Carneiro ao integrar o conceito de biopoder (FOUCAULT, 2002) nos mostra como o epistemicídio não é apenas uma ferramenta de opressão intelectual, mas também um mecanismo de controle sobre os corpos racializados. O biopoder, conforme proposto por Foucault, refere-se ao

poder exercido sobre corpos e populações, regulando suas atividades e existências. Assim, o epistemicídio funciona como um instrumento do biopoder, que subjuga a produção de conhecimento, e também a identidade e subjetividade dos grupos marginalizados, perpetuando sistemas de opressão e exclusão.

Nesse sentido, a autora Carolina Pinho destaca a sistemática rejeição do conhecimento produzido por pessoas negras e a subsequente apropriação desse conhecimento pela Europa Ocidental. Um exemplo disso é o epistemicídio contra a população de Kemet (Egito), onde os avançados conhecimentos matemáticos foram atribuídos a Pitágoras, enquanto os egípcios foram relegados a teorias infundadas sobre construções extraterrestres. Esse exemplo ilustra como o epistemicídio opera ao apagar, desvalorizar e distorcer as contribuições das civilizações africanas e outras populações não europeias.

A apropriação e deturpação do conhecimento pela Europa Ocidental perpetua uma narrativa de superioridade eurocêntrica e mantém os povos não europeus em uma posição subalterna, negando-lhes agência intelectual. Com base nessas reflexões, questionamos: como a Pedagogia Feminista Negra pode confrontar as violências epistêmicas ocorridas ao longo da história, reivindicando a produção de conhecimento das mulheres negras subalternizadas pela modernidade/colonialidade?

Para responder, trabalhamos com autoras como bell hooks, Kimberlé Crenshaw, Patricia Hill Collins, Audre Lorde, Angela Davis e Lélia Gonzalez porque suas contribuições teóricas e práticas são fundamentais para a construção e fortalecimento da Pedagogia Feminista Negra. Elas oferecem uma análise aprofundada das interseções entre raça, gênero e classe, além de fornecerem estratégias para enfrentar o epistemicídio e promover a justiça social. Suas obras nos ajudam a entender a complexidade das opressões enfrentadas pelas mulheres negras e a desenvolver uma pedagogia que valorize e resgate os saberes marginalizados, criando assim uma base sólida para uma educação verdadeiramente inclusiva e emancipatória.

**CAMINHOS METODOLÓGICOS:
PEDAGOGIA FEMINISTA NEGRA
E AS NOVAS FRONTEIRAS
DO CONHECIMENTO**

A metodologia adotada neste estudo é centrada em uma revisão bibliográfica (Marconi e Lakatos, 2004) e na análise teórica (Minayo & Deslandes, 2008), ambas guiadas por uma abordagem interseccional. Essa abordagem permitiu uma exploração profunda e crítica das contribuições existentes, bem como uma reflexão sobre os desafios e oportunidades associados à aplicação dessas pedagogias na transformação dos paradigmas educa-

cionais.

Para a realização da revisão bibliográfica, seguimos os passos das autoras Marconi e Lakatos (2004). Estas autoras ressaltam que a revisão bibliográfica deve ser realizada de maneira crítica e sistemática, o que implica a seleção rigorosa de fontes relevantes e confiáveis. Segundo Marconi e Lakatos, a revisão bibliográfica enquanto método envolve várias etapas importantes, cada uma delas contribuindo para a robustez e validade da pesquisa. Assim, seguimos os passos conforme proposto pelas autoras: levantamento bibliográfico; leitura e análise crítica; organização e sistematização das informações recolhidas; interpretação e síntese das informações.

Complementando a revisão bibliográfica, a análise teórica foi conduzida conforme os princípios delineados por Minayo e Deslandes (2008) em "Caminhos do Pensamento: Epistemologia e Método". Esta obra oferece uma perspectiva enriquecedora sobre a construção do conhecimento científico, enfatizando a importância da reflexão crítica e da interdisciplinaridade nos processos de pesquisa. Também nos pautamos por uma abordagem interseccional (HILL COLLINS, 20190, que permitiu uma exploração profunda das contribuições existentes na literatura, não apenas identificando as principais correntes teóricas, mas também investigando as conexões e divergências entre diferentes abordagens metodológicas.

A análise teórica foi informada por uma abordagem crítica e reflexiva, buscando não apenas entender o conteúdo das obras estudadas, mas também questionar as suposições subjacentes, identificar possíveis vieses e considerar as implicações práticas das teorias apresentadas. Isso proporcionou uma compreensão mais profunda e nuançada da Pedagogia Feminista Negra.

O pensamento feminista negro: construindo as bases da Pedagogia Feminista Negra

O pensamento feminista negro se estabelece firmemente como alicerce da Pedagogia Feminista Negra, assumindo o papel de guia na trajetória da educação em direção à inclusão, justiça e emancipação. Nesse contexto, autoras como bell hooks, Kimberlé Crenshaw, Patricia Hill Collins, Audre Lorde, Angela Davis e Lélia Gonzalez desempenham funções essenciais ao oferecerem uma base sólida e profundamente enraizada em experiências e análises críticas das interseções de raça, classe e gênero. Suas defesas incansáveis da justiça social e da autoafirmação contribuem para entrelaçar ideias e práticas que sustentam a educação emancipatória, centrada na valorização das vozes e experiências das mulheres negras. Assim, segue nos próximos subtítulos as contribuições de cada autora.

bell hooks: crítica às interseções de raça, classe e gênero na Educação

bell hooks foi uma renomada intelectual, escritora, ativista feminista e crítica cultural afro-americana. Sua contribuição é crucial para a Pedagogia Feminista Negra, pois sua obra oferece uma análise profunda das interseções dessas opressões na educação. Para compreendermos plenamente suas contribuições, seguimos um processo sistemático de levantamento bibliográfico, leitura e análise crítica, organização e sistematização das informações recolhidas, e, finalmente, a interpretação e síntese das informações.

Levantamento Bibliográfico

O primeiro passo consistiu em identificar e selecionar as principais obras de bell hooks que abordam questões relevantes para a Pedagogia Feminista Negra. Entre as obras mais influentes estão "Feminist Theory: From Margin to Center" (1984), "Teaching to Transgress: Education as the Practice of Freedom" (1994) e "Talking Back: Thinking Feminist, Thinking Black" (1989).

Leitura e análise crítica

A leitura e análise crítica dessas obras permitiram uma compreensão detalhada das ideias e

propostas de hooks. Em "Feminist Theory: From Margin to Center" (1984), hooks estabelece a base para uma crítica feminista interseccional que coloca as mulheres negras no centro da discussão sobre teoria e prática feministas. Ela argumenta que o feminismo dominante falha ao não considerar as experiências das mulheres negras e outras mulheres marginalizadas, propondo uma teoria feminista que seja inclusiva e abrangente.

Em "Teaching to Transgress: Education as the Practice of Freedom" (1994), hooks explora como práticas pedagógicas tradicionais reproduzem hierarquias opressivas. Ela propõe uma abordagem educacional transformadora que valoriza a experiência dos/as estudantes marginalizados/as. hooks defende que a educação deve capacitar os indivíduos a questionar e desafiar sistemas de dominação, incluindo o racismo e o sexismo, promovendo assim a libertação pessoal e coletiva. Ela enfatiza a importância de um ambiente de ensino que seja participativo e inclusivo, onde todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas.

No livro "Talking Back: Thinking Feminist, Thinking Black" (1989), hooks confronta o epistemicídio ao promover a conscientização sobre como as mulheres negras são marginalizadas na produção e validação do conhecimento acadêmico e cultural. Ela desafia a hegemonia epistemológica que perpetua o apagamento de suas vozes, defendendo a necessidade de valorizar e amplificar suas

perspectivas e experiências na construção do conhecimento.

Organização e sistematização das informações

A organização das informações recolhidas dessas obras envolveu a sistematização das ideias principais e a identificação dos temas recorrentes. Em "Feminist Theory: From Margin to Center", os temas centrais incluem a crítica ao feminismo branco e a proposta de um feminismo inclusivo. Em "Teaching to Transgress", os temas incluem a crítica às práticas pedagógicas tradicionais e a proposta de uma pedagogia emancipatória. Em "Talking Back", os temas centrais são a marginalização das mulheres negras na academia e a defesa de uma epistemologia que reconheça suas contribuições.

Interpretação e síntese das informações

A obra de hooks não apenas critica as estruturas de poder existentes, mas também oferece propostas concretas para uma educação libertadora e igualitária.

Análise teórica das obras de bell hooks

- "Feminist Theory: From Margin to Center" (1984): Esta obra, hooks critica o feminismo

dominante por não incluir as experiências das mulheres negras e outras mulheres marginalizadas. Hooks argumenta que uma teoria feminista verdadeira deve ser interseccional e incluir todas as vozes, especialmente aquelas nas margens da sociedade. Ela propõe uma teoria feminista que centralize as experiências das mulheres negras, criando uma base mais inclusiva e abrangente para o feminismo.

- "Teaching to Transgress: Education as the Practice of Freedom" (1994): hooks explora como as práticas pedagógicas tradicionais reproduzem hierarquias opressivas e propõe uma pedagogia transformadora que valoriza a experiência dos estudantes marginalizados. Ela argumenta que a educação deve ser um espaço de libertação, onde os indivíduos possam questionar e desafiar sistemas de dominação. Hooks enfatiza a importância de um ambiente de ensino participativo e inclusivo, onde todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas.

- "Talking Back: Thinking Feminist, Thinking Black" (1989): Nesta obra, hooks aborda a marginalização das mulheres negras na produção e validação do conhecimento acadêmico e cultural. Ela desafia a hegemonia epistemológica que perpetua o apagamento das vozes negras, defendendo a necessidade de valorizar e amplificar suas perspectivas e experiências na construção do conhecimento.

Importância teórica de bell hooks na Pedagogia Feminista Negra

Hooks oferece uma análise profunda das interações complexas entre essas formas de opressão, além de propor alternativas transformadoras para o contexto educacional. Suas contribuições são essenciais para compreendermos a marginalização sistemática enfrentada pelas mulheres negras e para desenvolvermos uma pedagogia que não apenas reconheça, mas também valorize e resgate os saberes historicamente marginalizados. Ela destaca a importância de suas vozes e experiências no diálogo acadêmico, promovendo resistência ao epistemicídio e uma visão mais inclusiva e completa da realidade educacional e social.

A obra de bell hooks continua a ser referência na teoria crítica e na prática educacional, inspirando educadores/as e estudiosos/as a considerar de maneira profunda e holística as interações entre raça, classe e gênero. Suas ideias são fundamentais para a construção de uma pedagogia que não apenas critique as desigualdades existentes, mas também proponha caminhos para uma educação mais libertadora e justa. Ao iluminar as interseções de opressão e promover uma educação que valorize a diversidade de experiências e conhecimentos, bell hooks oferece uma contribuição vital para o avanço da Pedagogia Feminista Negra.

Kimberlé Crenshaw: introdução do conceito de interseccionalidade

Kimberlé Crenshaw é uma acadêmica e advogada estadunidense. Desempenha um papel fundamental na Pedagogia Feminista Negra e no confronto ao epistemicídio por meio de sua teoria da interseccionalidade. Ao sistematizar esse conceito, Crenshaw oferece uma estrutura crucial para entender as experiências complexas e interconectadas das mulheres negras em relação à raça, classe e gênero.

Levantamento bibliográfico

Para explorar a contribuição de Kimberlé Crenshaw, foi essencial identificar e selecionar suas principais obras que abordam a interseccionalidade e suas implicações na educação. Entre essas obras, destaca-se "Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color" (1991), uma peça central em sua bibliografia.

Leitura e análise crítica

A leitura e análise crítica de "Mapping the Margins" revelam como Crenshaw examina as políticas de identidade e as capturas das realidades complexas enfrentadas por mulheres negras. Ela

argumenta que uma abordagem interseccional é essencial para promover uma educação verdadeiramente inclusiva e para confrontar as estruturas de poder que marginalizam e silenciam essas vozes. Sua análise mostra que as experiências das mulheres negras são moldadas por uma combinação de fatores de opressão que não podem ser compreendidos isoladamente.

Organização e sistematização das informações

A organização das informações recolhidas envolveu sistematizar os conceitos-chave da teoria de Crenshaw. Como a autora destaca, a interseccionalidade identifica como diferentes sistemas de opressão se interconectam e influenciam as experiências únicas das mulheres negras. "Mapping the Margins" evidencia a importância de considerar essas interseções para compreender plenamente as realidades vividas por essas mulheres.

Interpretação e síntese das informações

A interpretação e síntese das informações permitiram a integração das ideias de Crenshaw em um quadro teórico e suas contribuições para a Pedagogia Feminista Negra. Sua teoria da interseccionalidade não apenas identifica as interconexões entre diferentes sistemas de opressão, mas também destaca como essas interseções moldam as

experiências únicas das mulheres negras.

Análise teórica da obra de Crenshaw

"Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color" (1991): Nesta obra, Crenshaw explora como as políticas de identidade frequentemente falham em capturar as realidades complexas enfrentadas por mulheres negras. Ela argumenta que uma abordagem interseccional é essencial para promover uma educação inclusiva e confrontar as estruturas de poder que marginalizam essas vozes. A análise de Crenshaw revela como a interseccionalidade oferece uma compreensão mais abrangente das diversas formas de violência epistêmica enfrentadas pelas mulheres negras.

Importância teórica de Crenshaw na Pedagogia Feminista Negra

A obra de Kimberlé Crenshaw e sua abordagem sobre a teoria da interseccionalidade é fundamental para a construção e fortalecimento da Pedagogia Feminista Negra. Crenshaw oferece uma análise detalhada das interseções entre raça, gênero e classe, além de fornecer estratégias para enfrentar o epistemicídio e promover a justiça social. Suas contribuições ajudam a entender a complexidade das opressões enfrentadas pelas mulhe-

res negras e a desenvolver uma pedagogia que valorize e resgate os saberes marginalizados, criando assim uma base sólida para uma educação verdadeiramente inclusiva e emancipatória.

Na luta contra o epistemicídio, a interseccionalidade de Crenshaw possibilita uma compreensão mais abrangente das diversas formas de violência epistêmica enfrentadas pelas mulheres negras. Isso capacita essas mulheres a resistir e reivindicar seu espaço na produção de conhecimento, ao destacar a importância de suas vozes e experiências no diálogo acadêmico e na construção de uma compreensão mais completa e inclusiva da realidade.

Suas contribuições são essenciais para a construção de uma pedagogia que não apenas reconheça, mas também valorize e amplifique as experiências das mulheres negras na educação e na sociedade como um todo.

Patricia Hill Collins: desenvolvimento do conceito de pensamento Feminista Negro

Patricia Hill Collins é uma renomada socióloga, teórica feminista e acadêmica afro-americana. É amplamente reconhecida por seu trabalho sobre o pensamento feminista negro, no qual ela analisa criticamente as estruturas de poder que marginalizam as mulheres negras na academia e na sociedade em geral. Seu conceito de

pensamento feminista negro fortaleceu significativamente a Pedagogia Feminista Negra (Pinho, 2022), oferecendo uma base teórica sólida para a produção e validação do conhecimento negro.

Levantamento bibliográfico

Para explorar a contribuição de Patricia Hill Collins, foi essencial identificar e selecionar suas principais obras que abordam o pensamento feminista negro e suas implicações na educação. Entre essas obras, destaca-se "Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment" (2000).

Leitura e análise crítica

A leitura e análise crítica de "Black Feminist Thought" revelam como Collins explora a maneira pela qual as mulheres negras desenvolvem conhecimentos e teorias a partir de suas experiências vividas, desafiando assim as narrativas hegemônicas que muitas vezes marginalizam ou ignoram suas perspectivas. Ela argumenta que o pensamento feminista negro não é apenas uma crítica às formas dominantes de conhecimento, mas também uma afirmação de epistemologias alternativas que emergem das experiências de opressão e resistência das mulheres negras.

Organização e sistematização das informações

Em "Black Feminist Thought", os temas centrais incluem a valorização das experiências vividas das mulheres negras como fontes legítimas de conhecimento e a crítica à hegemonia epistemológica que exclui essas vozes. Collins sistematiza o pensamento feminista negro como uma epistemologia que nasce da relação dialética entre opressão e resistência que caracteriza a existência de mulheres negras.

Interpretação e síntese das informações

Sua obra não apenas critica as estruturas de poder existentes, mas também propõe uma desestruturação dessas hierarquias através do reconhecimento e valorização dos conhecimentos produzidos pelas mulheres negras.

Análise teórica da Obra de Collins

"Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment" (2000): Nesta obra influente, Collins explora como as mulheres negras desenvolvem conhecimentos e teorias a partir de suas experiências vividas. Ela desafia as narrativas hegemônicas que marginalizam ou ignoram suas perspectivas e argumenta que o pensamento feminista negro é uma

afirmação de epistemologias alternativas emergentes das experiências de opressão e resistência das mulheres negras. Collins enfatiza que o conhecimento produzido pelas mulheres negras deve ser reconhecido e valorizado como fundamental para uma educação inclusiva e emancipatória.

Importância teórica de Patricia Hill Collins na Pedagogia Feminista Negra

Collins oferece uma base teórica sólida que ajuda a compreender a complexidade das opressões enfrentadas pelas mulheres negras e a desenvolver uma pedagogia que valoriza e resgata os saberes marginalizados, criando assim uma base sólida para uma educação verdadeiramente inclusiva e emancipatória.

A autora convida as mulheres negras a desafiar a hegemonia epistemológica dominante, reivindicando suas próprias epistemologias e formas de conhecimento. Ela destaca a importância de reconhecer e valorizar essas epistemologias como fundamentais para uma educação que seja verdadeiramente inclusiva e emancipatória.

A contribuição de Patricia Hill Collins para a Pedagogia Feminista Negra é fundamental não apenas por sua análise crítica das estruturas de poder, mas também por seu compromisso em transformar essas estruturas através do reconhecimento e valorização das experiências e conheci-

mentos das mulheres negras. O pensamento feminista negro de Collins, ao iluminar as experiências e conhecimentos das mulheres negras, oferece uma ferramenta indispensável para enfrentar o epistemicídio e promover uma educação emancipatória e justa.

Audre Lorde: ênfase na autoafirmação e expressão criativa

Audre Lorde foi uma escritora, poeta, feminista, ativista pelos direitos civis e acadêmica afro-americana. Explorou profundamente as intersecções de raça, classe e sexualidade em sua obra, enfatizando a importância da autoafirmação e da expressão criativa como formas de resistência e empoderamento para as mulheres negras. Sua ênfase na valorização das próprias experiências e na expressão autêntica influencia a Pedagogia Feminista Negra, oferecendo uma abordagem que prioriza a voz e a agência das mulheres negras na educação.

Levantamento bibliográfico

Para explorar a contribuição de Audre Lorde, foi essencial identificar e selecionar suas principais obras que abordam as intersecções de raça, classe e sexualidade e suas implicações na educação. Entre essas obras, destaca-se "Sister Outsider:

Essays and Speeches" (1984), uma peça central em sua bibliografia.

Leitura e análise crítica

A leitura e análise crítica de "Sister Outsider" revelaram como Lorde articula uma crítica contundente às estruturas de poder que perpetuam a marginalização das mulheres negras na sociedade e na academia. Ela argumenta que a transformação social requer uma ruptura com normas opressivas e uma valorização das diversas identidades e vivências das mulheres negras. Lorde destaca a importância da autoafirmação e da expressão criativa como formas de resistência e empoderamento.

Organização e sistematização das informações

A organização das informações recolhidas envolveu sistematizar os conceitos-chave da obra de Lorde. Em "Sister Outsider", os temas centrais incluíram a valorização das experiências vividas das mulheres negras, a crítica às normas opressivas e a promoção da autoafirmação e da expressão criativa como formas de resistência.

Interpretação e síntese das informações

Sua obra não apenas critica as estruturas

de poder existentes, mas também propõe uma superação dessas hierarquias através do reconhecimento e valorização das diversidades culturais, étnicas e de gênero.

Análise teórica da obra de Lorde

"Sister Outsider: Essays and Speeches" (1984): Nesta obra influente, Lorde explora as intersecções de raça, classe e sexualidade, enfatizando a importância da autoafirmação e da expressão criativa. Ela argumenta que a transformação social requer uma ruptura com normas opressivas e uma valorização das diversas identidades e vivências das mulheres negras. Lorde destaca que a autoafirmação e a expressão criativa são formas poderosas de resistência contra o epistemicídio e a marginalização.

Importância teórica de Audre Lorde na Pedagogia Feminista Negra

Lorde estabelece uma base teórica robusta que não apenas esclarece a complexidade das opressões enfrentadas pelas mulheres negras, mas também contribui para o desenvolvimento de uma pedagogia que valoriza e resgata os saberes marginalizados. Isso é essencial para construir os alicerces de uma educação inclusiva e emancipatória.

Na luta contra o epistemicídio, as ideias de

Lorde capacitam as mulheres negras a resistir ao apagamento e à marginalização, afirmar suas identidades e reivindicar seu lugar na produção de conhecimento. Ela destaca a importância de reconhecer e valorizar essas epistemologias como fundamentais para uma educação que seja verdadeiramente inclusiva e emancipatória.

A contribuição de Audre Lorde para a Pedagogia Feminista Negra é fundamental não apenas por sua análise crítica das estruturas de poder, mas também por seu compromisso em transformar essas estruturas através do reconhecimento e valorização das diversidades culturais, étnicas e de gênero.

Angela Davis: defesa da justiça social e luta antirracista

Angela Davis é uma renomada intelectual estadunidense, ativista pelos direitos humanos, filósofa socialista, professora universitária e autora. Davis é conhecida por seu ativismo incansável contra o racismo, o sexismo e a opressão econômica. Seu trabalho e suas ideias têm desafiado as estruturas de opressão ao longo das décadas, inspirando uma geração de estudiosos e ativistas a repensar a educação e a transformação social.

Levantamento bibliográfico

Para explorar a contribuição de Angela Davis, buscamos identificar e selecionar suas principais obras que abordam as interseções de raça, gênero e classe e suas implicações na educação. Entre essas obras, destacam-se "Mulheres, Raça e Classe" (2016) e "A liberdade é uma luta constante" (2015).

Leitura e análise crítica

A leitura e análise crítica dessas obras revelam como Davis examina profundamente as interseções de raça, gênero e classe, destacando como essas categorias de opressão se entrelaçam e moldam as experiências das mulheres negras na sociedade e na educação. Em "Mulheres, Raça e Classe", Davis aborda a história da opressão e resistência das mulheres negras, oferecendo uma análise detalhada das conexões entre essas formas de dominação. Já em "A liberdade é uma luta constante", ela amplia essa análise para incluir uma perspectiva contemporânea sobre a luta por justiça social.

Organização e sistematização das informações

Em "Mulheres, Raça e Classe", os temas centrais incluem a intersecção de opressões e a

importância de uma análise histórica e crítica dessas dinâmicas. Em "A liberdade é uma luta constante", Davis foca na persistência dessas opressões e nas estratégias de resistência contemporâneas.

Interpretação e síntese das informações

Sua obra não apenas denuncia as injustiças existentes, mas também propõe alternativas educacionais que valorizam as perspectivas e experiências das mulheres negras, considerando as dimensões de gênero, raça e classe que moldam as condições de existência das mulheres negras. Davis também articula as possibilidades de resistência das mulheres negras a partir de sua condição histórica de oprimidas para vislumbrar um mundo sem hierarquias.

Análise teórica das obras de Davis

"Mulheres, Raça e Classe" (2016): Nesta obra, Davis examina as interseções de raça, gênero e classe, destacando como essas categorias de opressão se entrelaçam e moldam as experiências das mulheres negras. Ela oferece uma análise histórica detalhada, mostrando como a luta contra essas opressões tem sido parte integrante da resistência das mulheres negras.

"A liberdade é uma luta constante" (2015): Davis amplia sua análise para o contexto contem-

porâneo, explorando a persistência das opressões e as estratégias de resistência. Ela enfatiza a necessidade de uma educação que reconheça e celebre a diversidade de conhecimentos e experiências, desafiando a hegemonia epistemológica que perpetua o apagamento das vozes marginalizadas.

Importância teórica de Angela Davis na Pedagogia Feminista Negra

Davis oferece uma base teórica sólida que ajuda a compreender a complexidade das opressões enfrentadas pelas mulheres negras e a desenvolver uma pedagogia que valorize e resgate os saberes marginalizados, criando assim uma base sólida para uma educação verdadeiramente inclusiva e emancipatória.

Davis defende a importância de questionar as narrativas dominantes que silenciam e marginalizam as vozes negras. Ela promove uma educação que reconheça e celebre a diversidade de conhecimentos e experiências, desafiando a hegemonia epistemológica que perpetua o apagamento das vozes marginalizadas.

A contribuição de Angela Davis para a Pedagogia Feminista Negra é fundamental não apenas por sua análise crítica das estruturas de poder, mas também por seu compromisso em transformar essas estruturas considerando a potencialidade dos povos oprimidos em resistir e criar alternativas.

Lélia Gonzalez: Amefricanidade como identidade decolonial

Gonzalez foi uma intelectual, antropóloga, ativista e professora brasileira, reconhecida por suas contribuições ao movimento negro e feminista no Brasil. A autora utilizou sua posição de intelectual e ativista para articular questões de raça, gênero e classe oferecendo uma visão crítica e integradora que desafiava as estruturas de poder existentes.

Levantamento bibliográfico

A vasta obra de Lélia Gonzalez é respeitada por feministas negras de todo o mundo, mas destacam-se os textos em que ela apresenta a Amefricanidade como categoria essencial para compreensão do povo negro em diáspora, e em especial, das mulheres negras do continente americano: "A categoria político-cultural de amefricanidade" (1988) e "Por um feminismo afrolatinoamericano" (1988).

Leitura e análise crítica

O pensamento de Lélia Gonzalez caracteriza-se pela interseccionalidade e pela valorização das culturas afro-brasileiras, oferecendo uma perspectiva crítica e transformadora sobre raça, gênero

ro e classe. Gonzalez destacou a necessidade de compreender as experiências das mulheres negras através da intersecção de múltiplas formas de opressão, incluindo racismo, sexismo e classismo, argumentando que essas opressões são interligadas e moldam a vivência das mulheres negras.

Lélia Gonzalez desenvolve críticas ao feminismo eurocêntrico e ao movimento negro que incorporava a perspectiva patriarcal, propondo que fossem incorporadas as vivências e os saberes das mulheres negras da América Latina. Esse feminismo amefricanizado enfatiza a importância da identidade cultural e da resistência contra as múltiplas formas de opressão.

Organização e sistematização das informações

Como característica essencial da obra de Lélia Gonzalez podemos destacar o desafio ao eurocentrismo ao amefricanizar o feminismo, integrando questões de raça, gênero e classe de maneira interseccional. Sua crítica ao racismo e sexismo nas estruturas sociais fomentou uma consciência coletiva e uma identidade afro-brasileira fortalecida, influenciando movimentos feministas e antirracistas no Brasil e promovendo a valorização da cultura e da história afro-brasileira.

Interpretação e síntese das informações

Diante das problemáticas levantadas, Gonzalez introduziu a categoria "Amefricanidade," como uma perspectiva que valoriza as culturas afro-latino-americanas e caribenhas em uma perspectiva decolonial. Ela introduziu o conceito de "Amefricanidade" para valorizar as culturas afro-latino-americanas e caribenhas, promovendo uma identidade coletiva baseada na herança africana e na resistência às opressões coloniais e neocoloniais. Seu pensamento é marcado por uma crítica incisiva ao racismo e ao sexismo, destacando como essas opressões são perpetuadas nas instituições sociais e culturais, e abordando a necessidade de confrontar essas injustiças de maneira coletiva. Além disso, Gonzalez articulava uma relação estreita entre teoria e prática, acreditando que o ativismo e a militância deveriam estar embasados em reflexões teóricas robustas, buscando sempre uma transformação concreta das condições de vida das mulheres negras.

Análise teórica das obras de Gonzalez

"A categoria político-cultural de amefricanidade" (1988): Neste texto, Lélia Gonzalez se propõe a lançar um olhar "novo e criativo" sobre a formação histórico cultural do Brasil, ampliando a perspectiva para além da contribuição europeia

para a constituição do país. Ela propõe aqui que o Brasil é parte de uma América Ladina e que os brasileiros são todos ladino-amefricanos. A "Amefricanidade" é, portanto, um conceito que valoriza as culturas e experiências das populações afrodescendentes na América Latina e no Caribe e que é capaz de alinhar uma identidade cultural e histórica compartilhada entre essas comunidades, ressaltando a resistência e a contribuição afro-latina para a formação social e cultural da região. O termo visa promover uma perspectiva inclusiva e antirracista, reconhecendo a importância da herança africana no continente, para além das perspectivas coloniais.

"Por um feminismo afrolatinoamericano" (1988): Lélia Gonzalez aborda o racismo e o sexismo enfrentados por mulheres negras na América Latina. Ela critica a exclusão das experiências das mulheres negras dos movimentos feministas tradicionais e enfatiza a necessidade de uma abordagem interseccional que considere as particularidades de raça, gênero e classe. Gonzalez defende uma perspectiva feminista que valoriza as contribuições e experiências das mulheres afro-latino-americanas, buscando justiça social e igualdade.

Importância teórica de Lélia Gonzalez para a Pedagogia Feminista Negra

Gonzalez via a educação como um meio crucial para a emancipação e a resistência, defendendo uma abordagem pedagógica crítica que questionasse as estruturas de poder estabelecidas e valorizasse a história e a cultura afro-brasileira. Essa perspectiva vai ao encontro do que na Pedagogia Feminista Negra chamamos de "valorização das tradições intelectuais subjugadas". Resgatar e valorizar tradições intelectuais que fazem parte da construção do patrimônio cultural humano e que contribuíram para o atual estágio de desenvolvimento que nos encontramos é uma forma de valorizar as populações que propõem uma forma de vida para além do que nos sujeita a modernidade ocidental. Compreender a contribuição dos povos negros, latinos, ciganos, indígenas para a construção da humanidade é reconhecer a importância dessas populações para a constituição da complexidade humana, além de reconhecer o poder civilizatório das pessoas que fazem parte de tais agrupamentos, esvaziando a noção de incivilidade que foi articulada pelo colonizador a fim de destituir a humanidade de qualquer outro agrupamento populacional que não seja branco, masculino, europeu e cisheterossexual.

O conceito de "Amefricanidade" resgata o valor de culturas e experiências das populações

afrodescendentes na América Latina e no Caribe. Ela propôs essa ideia para destacar a identidade cultural e histórica compartilhada entre essas comunidades, ressaltando a resistência e a contribuição afro-latina para a formação social e cultural da região. O termo visa promover uma perspectiva inclusiva e antirracista, reconhecendo a importância da herança africana no continente.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: IMPACTOS DA PEDAGOGIA FEMINISTA NEGRA NO CONFRONTO AO EPISTEMICÍDIO

A partir da análise das contribuições teóricas e práticas de bell hooks, Kimberlé Crenshaw, Patricia Hill Collins, Audre Lorde, Angela Davis e Lélia Gonzalez, destacam-se as perspectivas e ferramentas essenciais para enfrentar o epistemicídio e promover uma educação verdadeiramente inclusiva e emancipatória:

- bell hooks: destaca a importância de uma educação que empodera os indivíduos a questionar sistemas de dominação, promovendo a libertação pessoal e coletiva.

- Kimberlé Crenshaw: sistematiza a categoria interseccionalidade como uma ferramenta para compreender as múltiplas formas de opressão enfrentadas pelas mulheres negras.

- Patricia Hill Collins: Valoriza as epistemologias alternativas emergentes das experiências das mulheres negras sistematizando o conceito de pensamento feminista negra.

- Audre Lorde: enfatiza a autoafirmação e a expressão criativa como formas de resistência e empoderamento.

- Angela Davis: indica novos horizontes sociais para além das hierarquias de classe, raça e gênero, inspirando uma educação que valoriza as perspectivas e experiências das mulheres negras, desafiando as narrativas dominantes que silenciam e marginalizam essas vozes.

- Lelia Gonzalez: propõe o conceito de amefricanidade como forma de constituição de uma identidade que valorize a contribuição de negros e indígenas para a noção de indivíduo que compõe a Amefrica Ladina, para além da identidade do colonizador.

O legado dessas autoras é fundamental para a construção da Pedagogia Feminista Negra, que têm como base a valorização das vozes e experiências das mulheres negras. Não apenas desafiando as estruturas de poder existentes, mas também propõem alternativas que celebram a diversidade e promovem a justiça social e a emancipação.

Assim, a importância da Pedagogia Feminista Negra para confrontar o epistemicídio pode ser constatado a partir do:

- Centramento nas experiências das mulheres negras: a Pedagogia Feminista Negra prioriza as vivências e narrativas das mulheres negras, proporcionando um espaço para que suas vozes sejam ouvidas e respeitadas.

- Empoderamento e autonomia: busca-se capacitar povos oprimidos a partir das experiências teórico metodológicas de mulheres negras. Com a valorização da práxis teórica de mulheres negras é possível que tais mulheres tenham sua humanidade recuperada para que se tornem agentes ativos em seu próprio processo de aprendizado, promovendo a autonomia e a confiança em suas habilidades e conhecimentos.

- Desconstrução de estereótipos e preconceitos: a Pedagogia Feminista Negra desafia estereótipos e preconceitos arraigados, oferecendo uma visão mais ampla e complexa das experiências das mulheres negras e combatendo a invisibilidade e a marginalização.

- Justiça social e transformação: além de promover o crescimento pessoal e acadêmico, a Pedagogia Feminista Negra tem como objetivo contribuir para a construção de uma sociedade justa e equitativa, incentivando ações coletivas e a luta contra a opressão sistêmica.

Portanto, os impactos da Pedagogia Feminista Negra no confronto ao epistemicídio são profundos e abrangentes. Ao desafiar as estruturas de poder existentes e promover a valorização das ex-

periências e conhecimentos das mulheres negras, se fortalece uma visão radicalmente transformadora da educação. Não apenas através da descolonização do conhecimento, mas também da desestruturação das relações de poder dentro das instituições educacionais e na sociedade em geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A PEDAGOGIA FEMINISTA NEGRA COMO LUGAR DE ENUNCIÇÃO DAS NOSSAS LUTAS

A Pedagogia Feminista Negra encontra sua base no pensamento feminista negro, uma corrente teórica e prática que visa compreender e transformar as condições de vida das mulheres negras, ao mesmo tempo em que enfrenta as opressões de gênero, raça e classe. Esse pensamento, a partir das lutas diárias e das experiências vividas por mulheres negras, fornece uma perspectiva crítica e emancipatória que desafia as estruturas de poder estabelecidas.

Autoras como bell hooks, Kimberlé Crenshaw, Patricia Hill Collins, Audre Lorde, Angela Davis e Lélia Gonzalez têm desempenhado um papel crucial nesse processo, oferecendo ferramentas teóricas e práticas para a valorização e resgate desses saberes.

bell hooks destaca a importância de uma

educação engajada que promove a crítica e a transformação social. Em seus escritos, ela enfatiza a necessidade de uma pedagogia que acolha e valorize as vozes marginalizadas, reconhecendo o papel central da experiência das mulheres negras na construção do conhecimento. Kimberlé Crenshaw, ao introduzir o conceito de interseccionalidade, oferece uma lente poderosa para entender como diferentes formas de opressão — raça, gênero, classe — se entrelaçam e se reforçam mutuamente. Sua obra é fundamental para a Pedagogia Feminista Negra, pois permite uma análise mais profunda e complexa das desigualdades sistêmicas que afetam as mulheres negras.

Patricia Hill Collins também destaca a importância dos saberes produzidos por mulheres negras, insistindo na necessidade de legitimar e valorizar essas epistemologias. Para Audre Lorde, as vivências e expressões das mulheres negras são fontes legítimas de saber, capazes de desafiar e desestabilizar as narrativas hegemônicas. Angela Davis tem sido uma voz poderosa na luta contra o complexo industrial-prisional e na defesa dos direitos humanos. Sua análise crítica sobre a interseção entre racismo, capitalismo e patriarcado é essencial para a construção de uma pedagogia que visa dismantlar as estruturas de opressão e promover a justiça social.

Enfrentar o epistemicídio histórico requer não apenas a recuperação e valorização dos co-

nhecimentos apagados, mas também a criação de espaços onde esses saberes possam florescer e ser reconhecidos como igualmente válidos. A Pedagogia Feminista Negra, fundamentada no pensamento dessas e de outras autoras feministas negras, oferece uma abordagem pedagógica que desafia as hierarquias de poder e promove uma educação inclusiva e emancipatória.

Ao incorporar as contribuições de bell hooks, Kimberlé Crenshaw, Patricia Hill Collins, Audre Lorde, Angela Davis e Lélia Gonzalez, a Pedagogia Feminista Negra não só confronta a destruição sistemática de saberes ancestrais, mas também reivindica a centralidade das vozes e experiências das mulheres negras na construção de novos paradigmas educacionais. Este movimento é essencial para descolonizar o conhecimento, dismantlar as injustiças históricas e construir uma sociedade mais justa e equitativa.

Ao reconhecer e valorizar os saberes locais e ancestrais das comunidades marcadas pelo colonialismo, a Pedagogia Feminista Negra não apenas busca ressignificar identidades e construir narrativas emancipatórias, mas também promover uma profunda reconexão com as raízes culturais e históricas dessas comunidades. Essa valorização dos saberes locais não se limita apenas ao reconhecimento de práticas e tradições, mas também envolve uma reflexão crítica sobre como esses saberes foram historicamente marginalizados e subjugados

pelo conhecimento colonial. Ao destacar a importância desses saberes e promover sua integração nos processos educacionais, a Pedagogia Feminista Negra oferece uma oportunidade para a reconstrução da identidade cultural e afirmação da sua própria voz dentro de uma sociedade marcada pela hegemonia eurocêntrica. Essa abordagem, além de confrontar a hegemonia do conhecimento colonial, também desafia as estruturas de poder que perpetuam a marginalização e exclusão das comunidades subalternizadas.

Ao possibilitar que todos/as reflitam sobre o lugar social que ocupam enquanto sujeitos históricos e sociais, oportuniza o protagonismo e a visibilidade das lutas e resistências. Confronta, dessa forma, a apropriação e a violência da colonial/modernidade, bem como a colonialidade do ser (no sentido ontológico) a colonialidade do saber (no sentido epistemológico), a colonialidade do poder (na relação mercado-capital) e a colonialidade de gênero (e suas consequências sexistas, machistas e a misóginas).

A partir dessa construção científica, social e educacional há uma coletividade na construção de um mundo com mais justiça social e com reparação histórica. E, sendo as construtoras da Pedagogia Feminista Negra, muitas vezes também participantes do movimento feminista negro, se capacitam e se autocapacitam a partir dos saberes aprendidos na luta, em confronto à opressão, à

dominação e aos preconceitos presentes nas relações sociais. E constroem a emancipação de conhecimentos, sociais, históricos, políticos e educacionais, compondo o exercício de cidadania e agência política.

Uma vez produzido conhecimento, dentro do campo do movimento feminista negro e da Pedagogia Feminista Negra é possível impulsionar lutas e propor categorias de análises dissidentes e distanciadas da lógica da fragmentação. E neste sentido, esse grupo articula questões políticas e epistêmicas, de histórias e lugares situados, a partir de realidades e de conhecimentos.

Em suma, a Pedagogia Feminista Negra emerge como uma abordagem vital e poderosa para confrontar o epistemicídio e promover a justiça social e a transformação. Ao centrar-se nas experiências das mulheres negras, capacitar para o empoderamento e a autonomia, desafiar estereótipos arraigados e promover a justiça social, essa pedagogia oferece um caminho promissor para a construção de uma sociedade verdadeiramente inclusiva e equitativa. Além disso, suas práticas pedagógicas, fundamentadas na contra-hegemonia e na descolonização do conhecimento, refletem um compromisso com a diversidade, o diálogo e o aprendizado experiencial. Ao reconhecermos e valorizarmos os princípios e práticas da Pedagogia Feminista Negra, podemos não apenas impulsionar a educação e a transformação social,

mas também promover uma mudança profunda e duradoura em direção a uma sociedade justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Cláudia Pons. *Outras Falas: Feminismos Na Perspectiva De Mulheres Negras Brasileiras*, 2012.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não Ser como fundamento do Ser*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de São Paulo, 2005.

COLLINS, Patricia Hill. *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment*. 2nd ed. New York: Routledge, 2000.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Boitempo editorial, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. *Stanford Law Review*, 43, p. 1241-1299, 1991.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

- DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. Organização de Frank Barat e tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015.
- FANON, Franz. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988
- GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. *Revista Isis Internacional*, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988
- HENRY, Annette. Black feminist pedagogy: critiques and contributions. *Counterpoints*, v. 237, p. 89-105, 2005.
- HOOKS, bell. *Feminist Theory: From Margin to Center*. Cambridge, MA: South End Press, 1984.
- HOOKS, bell. *Talking Back: Thinking Feminist, Thinking Black*. Boston: South End Press, 1989.
- HOOKS, bell. *Teaching to Transgress Education as the Practice of Freedom*. New York, NY Routledge, 1994.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LORDE, Audre. *Sister Outsider: Essays and Speeches*. Trumansburg: Crossing Press, 1984.
- LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: Holanda, Heloisa Buarque, *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais* (59-93). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2004.
- MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Ciência e Saúde*, 32, 94, 1-18, 2017.
- MINAYO, Maria Cecília; DESLANDES, Suely Ferreira. *Caminhos do pensamento: epistemologia e método*. SciELO-Editora FIOCRUZ, 2008.
- OLIVEIRA, Luis Fernandes de & CANDAU, Vera Maria Ferrão, *Pedagogia decolonial y educación antirracista e intercultural en Brasil*. In.: Walsh, Catherine. *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Tomo I (275-303). Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.
- OMOLADE, Barbara. A black feminist pedagogy. *Women's Studies Quarterly*, New York, v.21, n. ¼, p. 31-38, 1993.

PETIT, Sandra Haydée. *Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afro ancestral e tradição oral: contribuições do legado africano para a implementação da Lei nº 10.639/03*. Fortaleza: EdUECE, 2015.

PINHO, Carolina. Pensamento Feminista Negro como orientação teórico-metodológica de uma Pedagogia revolucuinária. In: Pinho, Carolina & Mesquita, Tayna. *Pedagogia feminista negra*. Feira de Santana: Serpente, 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y Modernidad-racionalidad. *Revista del Instituto Indigenista Peruano*, 13, 29, 11-20, 1992.

ROSEVICS, Larissa. Do pós-colonial à decolonialidade. In: Carvalho, G.; Rosevics, L. (org.) *Diálogos Internacionais: reflexões críticas do mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Perse, 2017. Recuperado de: <https://drive.google.com/file/d/0B0ohqhWTSmmldjh2LTZUQndoc2M/view>

SANTOS, Fatima Santana; SOUSA, Ladjane Alves. Crespogogia, práticas de re-existências: Experiências curriculantes com crianças negras dentro dos espaços escolares. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 478–497, 2022. DOI: 10.12957/riae.2022.66838. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/66838>. Acesso em: 4 jun. 2024.

SAVIANI, Demerval. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 11 ed. Campinas- SP: Autores Associados, 2011.

SILVA, Geranilde Costa e. *Pretagogia: construindo um referencial teórico-metodológico de base africana para a formação de professores/as*. Fortaleza: Impreco, 2019.

SPIVAK, Gayatri. Deconstructing Historiography. In: GUHA, Ranajit (org.). *Subaltern Studies IV: Writings on South Asian History and Society*. Delhi: Oxford University Press. p. 330-363, 1985.

NOTAS

¹Gloria Jean Watkins adotou o pseudônimo "bell hooks" em homenagem à sua bisavó, para destacar a importância de sua própria voz, enquanto ainda abraça suas raízes familiares. bell hooks optava por escrever seu nome em minúsculas para desviar a atenção de sua identidade pessoal e enfatizar o conteúdo de suas obras. Essa escolha destacava suas ideias e a mensagem de seu trabalho, em vez de focar na sua figura como autora.

²O período moderno é colonial por pretender a universalização de sua cultura como o fim último da evolução humana. Compreendendo que não haveria modernidade sem a colonialidade, no decorrer deste texto é utilizada a palavra modernidade acompanhada da palavra colonialidade: modernidade/colonialidade (MIGNOLO, 2017).